

LA PAZ EXISTE?, VIAGEM AO DESCONHECIDO

Hugo Almeida (USP)¹

RESUMO: Sob vários aspectos, *La Paz existe?* é um livro singular na obra de Osman Lins: o único não planejado, escrito a quatro mãos, sem anotações prévias e em pouco tempo. “Quase em estado bruto, em explosão de memória e sob impulso do espanto”, escreveu Regina Igel. Lauro de Oliveira constatou: “Enquanto *Marinheiro de primeira viagem* é cheio de luz e alegria; *La Paz existe?* é perpassado de angústia e amargura”. Não há ficção ali, só registro factual, mas sem deixar de haver alta qualidade literária. É o único livro de Lins ainda não reeditado.

PALAVRAS-CHAVES: viagem; literatura; jornalismo; América Latina.

ABSTRACT: In several aspects, *La Paz existe?* is a singular book in in Osman Lins’s work: the only unplanned book, the unique written by four hands, without previous notes and in a short time. “Almost in its raw state, in an explosion of memory and under the impulse of astonishment”, Regina Igel wrote. Lauro de Oliveira stated: “While *Marinheiro de primeira viagem* is full of light and joy; *La Paz existe?* is permeated with anguish and bitterness”. There is no fiction in this book, only factual record, but without ceasing to have high literary quality. It is the only book by Lins not reprinted yet.

KEY WORDS: travel; literature; journalism; Latin America.

O romancista ‘imitaria’ a vida, sim, mas qual vida?
Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres
entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos.
A vida como objeto de busca e construção,
e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes.
(Alfredo Bosi, “Narrativa e resistência”, em *Literatura e resistência*)

Nada de hábitos, meu caro. Hábito é preguiça.
Coisa para velhos e estropiados. Um homem vivo deve
ser como o mar, sempre em movimento.
(Monteiro Lobato, carta a Godofredo Rangel, 1907, em *A barca de Gleyre*)

INTRODUÇÃO

A inquietação, o movimento incessante de busca e construção e a sede pelo desconhecido marcaram a vida e a obra de Osman Lins. Basta lembrar Abel, um dos narradores-personagens de *Avalovara*, que sai pelo mundo atrás não sabe de quê, bem como as frequentes viagens do autor, tanto físicas, reais, como literárias, o mergulho em textos extraordinários dele mesmo e de outros escritores.

Quando embarcou no navio *Manga*, em 1961, na sua primeira viagem à Europa, Osman Lins, rico de sonhos, iniciou um diário de bordo. Passados 60 anos, continua inédito em livro.

¹ Escritor e jornalista mineiro radicado em São Paulo, doutor em Literatura Brasileira pela USP. Organizou *Osman Lins: O sopro na argila* (Nankin, 2004) e publicou, entre outros livros, *Certos casais* (Laranja Original, 2021).

Era um exercício de escrita, e não uma obra em curso. O manuscrito está disponível no site do IEB-USP dedicado à vida e à obra do escritor. Como todos nós sabemos, ele nunca teve pressa em publicar e sempre planejava em detalhes seus contos, romances e ensaios, fazia minuciosas pesquisas e cuidadosas anotações. Sua elaboração demandava um bom tempo.

La Paz existe?, escrito e publicado em 1977 em parceria com Julieta de Godoy Ladeira, sua segunda mulher, é uma exceção. O livro não foi planejado, ele e Julieta não fizeram anotações durante a viagem ao Peru e à Bolívia, na semana de carnaval. Portanto, sob vários aspectos, *La Paz existe?* é um livro singular na carreira de Osman Lins.

“Quase em estado bruto, em explosão de memória e sob impulso do espanto”, escreveu Regina Igel em *Osman Lins, uma biografia literária*. Lauro de Oliveira constatou em *Osman Lins: vocação ética, criação estética*: “Enquanto *Marinheiro de primeira viagem* é cheio de luz e alegria; *La Paz existe?* é perpassado de angústia e amargura”, pelo que os autores viram, em suma: miséria e injustiça social. Não há ficção ali, só registro factual, trata-se de uma reportagem, como o próprio Osman Lins afirmou, mas, claro, sem deixar de haver alta qualidade literária.

Há mais distâncias do que proximidades entre o jornalismo e a literatura. A literatura não apenas registra ou interpreta, mas tem outra flama, mais viva e duradoura. É um terreno especial, rico em símbolos e poesia. Pela sua natureza, o jornalismo é imediatista, apressado, muitas vezes óbvio, sem mistérios – refiro-me ao jornalismo cotidiano. A literatura, ao contrário, requer mergulho mais profundo – exige tempo e trabalha com a memória, o esmero na linguagem, não revela tudo na superfície (o essencial está na segunda camada, nas entrelinhas). E, acima de tudo, é um trabalho livre.

Entre a centena de livros produzidos pelo pensador católico e crítico literário Alceu Amoroso Lima (1893-1983), o Tristão de Ataíde, há uma pequena obra de alto valor, *O jornalismo como gênero literário* (1960). Embora ele considere o jornalista “um artista como outro qualquer”, alerta para os perigos que a profissão traz – a *facilidade* é o primeiro deles.

Amoroso Lima afirma que o jornalista “é arrastado pelos fatos, em vez de julgar os fatos. É uma vítima em vez de ser um registrador”. E continua: “O perigo da *facilidade* deve ser sempre a preocupação do jornalista. Pois a facilidade moral, o conformismo político, a absorção pelos acontecimentos estão ligados, também, à perda do estilo, à corrupção do seu próprio modo de escrever. O jornalista passa então a imitar o público. Abusa da gíria, dos modismos, das frases de efeito, dos *slogans* da moda, para melhor ser lido e ouvido. E acaba confundindo estilo com cacoetes”. Isso nós vemos todos os dias, especialmente no jornalismo da televisão.

Autor do consagrado *O ex-mágico*, de 1947, o contista mineiro Murilo Rubião (1916-1991), que não fez carreira na imprensa, mas começou no jornalismo, via com lucidez a diferença entre o trabalho de um repórter e o de um escritor. Em depoimento nas páginas iniciais de *O pirotécnico Zacarias*, de 1974, Rubião afirma: “A literatura é sempre uma transformação da realidade. Eu acho que um jornalista pode pegar fatos reais e mantê-los reais, enquanto que um escritor, um ficcionista, não consegue fazer isso. O escritor sempre vê um sentido nas coisas que os outros não enxergam”.

Osman Lins escreveu também para jornal, mas não era jornalista, felizmente. Ele via além do cotidiano e não corrompeu seu estilo nem sua maneira crítica e independente de ver o mundo, como comprova em *La Paz existe?*. Esse não é um livro de ficção, portanto não se pode falar em um narrador, não há filtro de narrador-personagem. Quem fala no texto é o próprio autor, aliás falam os autores, Osman e Julieta. O que não significa, longe disso, que não exista elaboração literária. Há, *e como há*, como em tudo que Osman Lins escreveu. No entanto, é o único livro dele ainda não reeditado.

Por que *La Paz existe?* é o único livro de Lins ainda sem reedição? Como nós, osmanianos, sabemos, após a morte de Osman Lins, no ano seguinte à publicação desse livro, Julieta empenhou-se na organização de *Evangelho na taba*, e depois no atendimento de pesquisadores e na reedição da ficção e do teatro dele. Não deu tempo de relançar a reportagem da qual ela participou. Imagino que o possível motivo da não reedição do livro seja este: trata-se de um trabalho a quatro mãos, o que traz a delicada questão dos direitos autorais.

Não há dúvida de que seria bastante oportuna a reedição de *La Paz existe?* em 2024, no centenário de nascimento de Osman Lins. Acredito que os familiares de Julieta concordariam com uma nova edição. Afinal, a obra infantojuvenil dela tem sido reeditada (há livros na 20ª edição). Alguém autorizou as reedições e está recebendo os direitos autorais. As editoras certamente fornecerão o contato dos herdeiros de Julieta às filhas de Osman Lins, sempre empenhadas no relançamento de toda sua obra. E não faltará editora interessada em *La Paz existe?*.

No livro *O desafio de criar*, de 1995, Julieta (1927-1997) relembra o diálogo que teve no primeiro encontro com Osman Lins, que se tornaria seu marido dois anos depois, em 1964. Ela estava lendo *O fiel e a pedra*, de 61, e disse ao romancista estranhar que Teresa ficasse distante de Bernardo nos momentos mais difíceis. A mulher deveria estar ao lado do marido, dando força, afirmou. “Você é de São Paulo”, Osman Lins ponderou. “A Teresa é uma mulher do Nordeste. A situação é diferente.” Escritora e publicitária, Julieta “tinha viajado ao exterior, levava um tipo de vida oposto ao de Teresa”, ela diz no livro.

A viagem do casal ao Peru e à Bolívia foi “um pesadelo”, como escreveu Antonio Callado (1917-1997) na contracapa do livro. Não há necessidade de lembrar pormenores das aflições por que passaram Julieta e Osman Lins, mas é bom resumir a situação: eles enfrentaram, por exemplo, uma precária estrada, num ônibus velho, cheio e desconfortável, noite adentro, debaixo de tempestade, num breu total, sem onde parar para lancha ou ir ao banheiro. O veículo, um “drácula automobilístico”, era uma “colcha de retalhos mecânica, sacolejante, rangente, pintada de cores vivas para disfarçar um pouco a decrepitude”, como o descreveu Osman Lins. “Um ônibus anfíbio”, Julieta sintetizou. “Um animal enlameado que se move, tenho a impressão que para sempre, estamos numa viagem sem fim”, acrescentou. “E apesar de tudo ele estava vencendo, abrindo caminho, ganhando terreno palmo a palmo”, escreveu Osman Lins. Ele e Julieta fizeram questão de destacar a perícia e o empenho do motorista no comando daquela “estrovenga mal atarraxada”.

Em certo momento, a viagem tornou-se sem rumo. “Minha cabeça dói, começamos a trilhar, sós, o caminho para onde?”, escreveu Julieta. Osman: “Para onde fugia o que buscávamos?”. E algumas páginas adiante: “Zarpamos para o desconhecido”.

Há horas e horas sem se alimentar, cansados, numa tensão extrema, os dois estavam presos num labirinto sem saída. “Eu não vou desmaiar”, Julieta dizia, apesar da mão fria e o rosto úmido e febril. Osman escreveu: “Ao longe, perfilavam-se os Andes, com os seus picos nevados ainda perceptíveis. Não havia socorro possível, estávamos a léguas de quaisquer recursos e nem sequer nos restava a alternativa de desistir”.

Eles precisavam atravessar a fronteira do Peru para a Bolívia para fazer um passeio de barco pelo Titicaca, a quase 4 mil metros de altitude, mas imprevistos diversos, como a chuva e o visto de saída nos passaportes, atrasaram a chegada ao lago. Não fizeram o passeio.

É claro que houve também instantes de encantamento, de beleza, expressos com apuro literário, bem próximo de um conto ou novela, como na série de frases nominais da página 20 em que Osman Lins evoca, como se pintasse uma aquarela, o seu Nordeste natal: “Montes verdes, mato nas baixadas, paisagens pontilhadas de jaqueiras, de mangueiras, de cajueiros, e dos canaviais. Aqui, não”. Isso no capítulo intitulado “Paisagens”.

No ensaio “De Paris a La Paz”, publicado em 2005 no “Revue de littérature comparée”, Sandra Nitri afirma que Osman Lins “transferiu certos processos de sua ficção inovadora” para este livro de viagens. De fato, várias passagens de *La Paz existe?* fazem lembrar outras obras do escritor. A visão de Osman Lins do lago Titicaca, por exemplo, assemelha-se ao alumbramento de Leléu ao ver o Zeppelin em *Lisbela e o prisioneiro* num instante poético da peça, a visão de Osman Lins do lago: “Acreditei ver nuvens muito altas, sobrepostas, de formas

singulares. Logo supus que me enganava e que as nuvens, de fato, eram uma alta montanha. Enganava-me ainda: eu via o Titicaca, que, de certo nível e por um efeito ótico, uma insólita incidência de luz, parecia, dada a sua extensão, erguer-se, voar sobre si mesmo”.

Algumas passagens de *La Paz existe?* remetem a narrativas de *Nove, novena*, como “Pentágono de Hahn”, com grupos de homens e mulheres dançando ao ar livre: “Chegava à estrada o som dos instrumentos, flautas, pandeiros, tambores, um som campestre, fresco, antigo, os dançarinos erguiam pernas e braços, batiam com os pés, saltavam, meneavam o corpo...”. Ou, ainda, do capítulo final do “Retábulo de Santa Joana Carolina”, nos cortejos fúnebres no interior do Peru.

Na primeira leitura de *La Paz existe?*, nos anos 1980, me causou surpresa e estranhamento a menção de Osman Lins à morte da mãe no Nordeste enquanto ele fazia aquela viagem. Uai, pensei. Ele não tinha ficado órfão aos 16 dias? Comentei isso com Julieta e ela me esclareceu: era a tia Laura, que ele chamava de mãe. Eu disse a ela que seria o caso de haver uma nota de pé de página, pois os leitores de Osman Lins sempre souberam que ele perdera a mãe nos primeiros dias de nascido. Ainda não haviam sido publicadas as riquíssimas biografias dele escritas por Ana Luiza Andrade, *Osman Lins: crítica e criação*, de 1987, e por Regina Igel, *Uma biografia literária*, que saiu no ano seguinte.

Osman Lins cita quatro ou cinco vezes a morte de “mamãe” no livro. Penso que, na reedição de *La Paz existe?*, valeria a pena incluir um rodapé dizendo que o escritor, órfão ainda bebê, se referia a uma das mães adotivas, já que teve duas: a outra era a avó Joana Carolina, chamada de “mãe Noca”.

Ao fim da maratona, exaustos, os dois escritores se instalaram num quarto aquecido de um hotel em La Paz. “Você foi muito corajosa”, disse Osman a Julieta. “Foi formidável. De verdade”. Ela: “Pensei que nunca mais ia chegar”. Ele: “Eu também”. O escritor estava ao lado da companheira das horas difíceis, uma anti-Teresa de *O fiel e a pedra*.

Há de se sublinhar a prodigiosa memória de Osman Lins e Julieta. Eles relembram, com enorme riqueza de detalhes, paisagens, construções, cenas, diálogos, pessoas, a roupa delas etc. que até parece terem filmado tudo.

No ensaio que citei há pouco, Sandra Nitrini afirma que *La Paz existe?* ajuda o leitor “a conhecer melhor Osman Lins, pois isso mostra que este escritor estava começando a olhar mais de perto a América Latina, um olhar alimentado por seu compromisso com os excluídos”. Sandra observa ainda que o livro testemunha o compromisso de Lins com o seu pobre continente e com seu olhar de compreensão e admiração pela cultura andina, ao estabelecer um

diálogo explícito entre ele e seus colegas latino-americanos, até então de forma alguma ou, pelo menos, muito pouco cultivada.

Sob esse prisma, em *La Paz existe?* reverberam pontos de *A rainha dos cárceres da Grécia*, em que o professor inominado, narrador-personagem do romance, afirma: “Quando o narrador, no variado mundo, elege os seus temas, define uma atitude e não só em relação à vida: também diante da literatura. Diz, com a sua opção, até que ponto, comprometido *com a nomeação das coisas*, é também comprometido *com as coisas nomeadas* e qual o gênero desse compromisso”.

O escritor tinha opinião firme contra o domínio externo (“Quem ignora a voracidade com que uma parte do planeta explora a outra?”, pergunta o narrador de *A rainha*. Sem o concurso do narrador, Osman Lins, ele mesmo, expressa sua revolta contra o imperialismo norte-americano, em pelo menos três passagens de *La Paz existe?*.

São estas: 1) ...“um comportamento frequente nos países pobres da América Latina em relação aos Estados Unidos: atiram insultos pesados – quase sempre justos – e a seguir correm em busca de dólares: ajuda militar, assistência técnica, doação, empréstimos” (p. 59); 2) “Uma indiazinha dava o preço [de mandioca e milho e de batata-doce cortada em fatias] em inglês. Naquele instante senti de modo vivo, duro, não apenas intelectual, o que é ser um povo pobre, dependente, dominado por outro poder econômico, outra cultura” (p. 88); e 3) “A América Latina era um continente espoliado” (p. 96).

Durante toda a viagem pelo interior andino, a única presença do poder público era o da fiscalização, para evitar um eventual contrabando de algo como uma peça de roupa. Um “delírio fiscalizador”, que no entanto poupava os estrangeiros, escreveu Osman Lins. No ônibus, ele e Julieta carregaram malhas a pedido dos nativos para escaparem da fiscalização – houve três ou quatro abordagens no percurso.

O único rigor com estrangeiros era a exigência de passaporte e vistos, muitas vezes numa situação kafkiana, que Julio Cortázar também viveu em viagem, no início dos anos 80, pela América Latina, narrada em *Nicarágua tão violentamente doce*. A leitura desse livro me fez lembrar da malfadada declaração do poeta Haroldo de Campos, de que *Avalovara* era um “Cortázar tocado de ouvido”, ofensa que, como sabemos, Osman Lins rebateu, com elegância e firmeza, em carta ao poeta concretista. Parece ironia: o relato de Cortázar sobre a viagem à Nicarágua é posterior ao de Osman e Julieta a respeito do Peru e da Bolívia.

Mais um detalhe dessa história: Cortázar elogiou *Avalovara* e transcreveu trechos do romance de Osman Lins no livro *Os autonautas da cosmopista ou Uma viagem atemporal Paris-Marsella*, de 1983, escrito juntamente com sua mulher, Carol Dunlop. E mais: como

epígrafe do livro, usou um trecho de *Avalovara*. Então, ao contrário do que achava Haroldo de Campos, pode-se dizer que foi Cortázar quem seguiu a pauta de Osman Lins.

No ensaio “Pétalas de mim: fragmentos da memória e as distorções simbólicas”, publicado na revista *Decifrar*, da Universidade Federal do Amazonas (volume 4, número 8, de 2016), Cacio José Ferreira destaca em *La paz existe?* “dois recursos simbólicos que aguçam a percepção criadora da memória: a água e a noite por serem elementos que recortam quase toda a narrativa”. A simbologia é clara, mesmo sem consulta de dicionários de símbolos: noite, fim, morte. Água, renascimento e ao mesmo tempo risco.

Em artigo sobre *La Paz existe?*, Maria do Carmo Lanna Figueiredo diz que “o sentimento de frustração e angústia diante da realidade vista e vivida pelos dois viajantes alia-se ao de fraternidade para com essa gente, sua vida, ‘nossos irmãos de miséria’”.

No fim do livro, Osman Lins escreveu: “Eu pensei ainda que afinal havíamos chegado, que estávamos na cidade, uma cidade para nós desconhecida, cujo nome expressava o que o homem sempre busca e nunca, nunca chega a conquistar: La Paz”.

O fim do livro tem um significado mais forte e profundo. Aqui também o escritor buscava um rosto desconhecido, inalcançável e tão amado, o rosto da mulher de quem ficou órfão com 16 dias de nascido, de quem ele não conheceu em vida nem mesmo uma foto. Ela se chamava Maria da Paz.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Ana Luiza. *Osman Lins: crítica e criação*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CORTÁZAR, Julio e Dunlop, Carol. *Los autonautas de la cosmopista – o Un viaje atemporal París-Marsella*. Barcelona: Muchnik Editores, 1986.

CORTÁZAR, Julio. *Nicarágua tão violentamente doce*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1987 [A primeira edição em espanhol é de 1983].

FERREIRA, Cacio José. “Pétalas de mim: fragmentos da memória e as distorções simbólicas”, in *Decifrar*, vol. 4, n. 8. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. Belo Horizonte: *Caligrama: Revista de Estudos Românticos*, n. 3, 1985.

IGEL, Regina. *Osman Lins, uma biografia literária*. São Paulo/Brasília: T.A. Queiroz/INL, 1988.

LADEIRA, Julieta de Godoy. *O desafio de criar*. São Paulo: Global, 1995.

LINS, Osman e LADEIRA, Julieta de Godoy. *La Paz existe?* São Paulo: Summus Editorial, 1977.

LINS, Osman. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*.

NITRINI, Sandra. “De Paris a La Paz”, in *Revue de littérature comparée* n. 316. Paris: Klincksieck, 2005.

OLIVEIRA, Lauro de. *Osman Lins: vocação ética, criação estética*. Recife: Edições Bagaço, 2010.

Recebido em: 19/07/2022

Aprovado em: 22/09/2022

Publicado em: 11/11/2022



10.29281/r.decifrar.2022.1a_5